CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA

DEPARTAMENTO LEGISLATIVO

DIGITALIZADO

EM: 15/01/2001

Regia
FUNCIONÁRIO

DATA 24/08/84.

PROJETO DE LEI Nº 0089/84

ASSUNTO

Denomina de José Carlos Pinho uma artéria do Bairro Água Fria nesta Capital

VEREADOR: Raimundo Linhares

LEI Nº 5879 DE 24/08/84

DIOM Nº 8054 DE 11/01/84

ARQUIVO

CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA

LEI Nº 5879 DE 24 DE Agosto DE 1.984

Denomina de JOSÉ CARLOS PINHO uma artéria do Bairro Água Fria, nesta Capital.

A CÄMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA DECRETA E EU SANCIONO A SEGUINTE LEI:

Art. 1º - Fica denominada de RUA JOSÉ CARLOS PINHO uma artéria do Bairro Água Fria, nesta capital.

Art. 2º - A presente Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PAÇO DA PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA, em de de 1984.

ENGº CÉSAR CALS DE OLIVEIRA NETO

- PREFEITO MUNICIPAL -

Ao Vereador Paulo Facó p/relatar
Em: 08-10-84
Samuel Bruno

CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA

A Comissão de Urbanismo
Em 11/9/1984
Presidente

Aprovado em 1a. discussão
Em 9/10/84 / 19
PRESIDENTE

PROJETO DE LEI Nº 090/84 / 19

DENOMINA DE JOSÉ CARLOS PINHO UMA ARTÉRIA DO BAIRRO ÁGUA FRIA, NESTA CAPITAL.

A CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA DECRETA:

ART. 1º-FICA DENOMINADA DE RUA JOSÉ CARLOS PINHO UMA ARTÉRIA DO BAIRRO ÁGUA FRIA, NESTA CAPITAL.

ART. 2º-A PRESENTE LEI ENTRARÁ EM VIGOR NA DATA DE SUA PUBLICAÇÃO, REVOGADAS AS DISPOSIÇÕES EM CONTRÁRIO.

SALA DAS SESSÕES DA CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA, EM 24 DE agosto DE 1984.

VEREADOR - RAIMUNDO LINHARES

Aprovado em 2a. discussão
Em 16/10/84
PRESIDENTE

A COMISSÃO DE REDAÇÃO FINAL
Em 6/10/84
Presidente

JUSTIFICATIVA

O CUURICULUM BIOGRÁFICO, EM ANEXO, DO SR. JOSÉ CARLOS DE PINHO, É UM TESTEMUNHO REAL DA SUA VIDA SERTANEJA, COMERCIAL, INDUSTRIAL, BANCÁRIA, AGROPECUÁRIA, SOCIAL E POLÍTICA.

FILHO QUE FOI DE FAMÍLIA POBRE, DEDICOU-SE AO INTENSO TRABALHO, ATÉ CONSEGUIR UMA VIDA NORMAL COMO TODAS AS PESSOAS. FOI AO LONGO DO TEMPO DESDE PEQUENO COMERCIANTE ATÉ PRESIDENTE DO BANCO MERCANTIL DE CRÉDITO S/A.

ASSIM SENDO, ESTA COMISSÃO RENDE-SE AOS MÉRITOS DO ILUSTRE HOMENAGEADO E APROVA A PROPOSITURA EM APREÇO.

SALA DAS SESSÕES DA CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA, EM 24 DE agosto DE 1984.

VEREADOR - RAIMUNDO LINHARES

CURRICULUM BIOGRÁFICO DE JOSÉ CARLOS DE PINHO REPRESENTADO PELO RETROSPECTO DA SUA VIDA SERTANEJA, COMERCIAL, INDUSTRIAL, BANCÁRIA, AGROPECUARISTA, SOCIAL E POLÍTICA

Por José Catunda de Pinho (seu filho)

JOSÉ CARLOS DE PINHO, nasceu em 25 de agosto de 1890 na fazenda Jatobá, localizada no município de Crateús, neste Estado, distante 02 léguas (12 quilômetros) da cidade.

Era filho de José Carlos de Pinho (não tendo ele assim acrescentado filho ou junior ao seu nome completo, a fim de distingui-lo do do seu pai) e de Felismina Maria de Melo, ele agricultor e pequeno pecuarista, enquanto que sua mãe de prendas domésticas.

Nasceu seu pai em Crateús em 20 de abril de 1853 e faleceu também em Crateús aos 52 anos de idade, no dia 12 de dezembro de 1905, enquanto que sua mãe, nasceu em Crateús em 1869 e faleceu apenas aos 33 anos de idade na mesma cidade, o que significa dizer que já aos 15 anos JOSÉ CARLOS era órfão de pai e mãe.

JOSÉ CARLOS desde menino entregou-se com apaixonado denodo e afinco à faïna da luta sertaneja, trabalhando em todos os setores de serviços na áspera luta da agricultura, empunhando para tanto o machado como a foice e a enxada, além de ser um exímio na mão de obra da confecção de cercas, do qual era perito e dos mais caprichosos.

Dedicava-se ele também com intenso amor ao trabalho ajudando aos seus pais que para manter a sua numerosa prole constituída de 12 filhos menores (04 homens e 08 mulheres), apesar de não ser ele o primogênito dos filhos homens (mas o 2º deles, pois o 1º era o Zulmiro), tomou logo à frente de tudo, passando assim a ser o braço direito do pai, tinha na labuta da pequena creação de gado e de caprinos a complementação daquela luta insana pelo trabalho e pela humilde, porém dignificante, laboriosa e acima de tudo sobrevivência humana sob todos os aspectos.

Não obstante tanto esforço sobrehumano, tanta luta, tanto trabalho e principalmente tanta economia, cuja família só comsumia o estritamente necessário, era até por demais comum a mesma passar por eventuais e costumeiras dificuldades financeiras e econômicas, já que a pobreza sempre foi uma característica permanente no lar daquela sacrificada família.

Ainda menino também, embora trabalhando com os pais e os irmãos em todos estes serviços pesados, comumente mais apropriados para adultos, JOSÉ CARLOS frequentava a escola do professor Macário em Crateús (não devendo confundir referido professor que não era da terra com um seu futuro vaqueiro), com o qual aprendera as primeiras letras, permancendo, porém nela apenas 02 anos e altermadamente ainda, uma vez que em consequência do seu trabalho ininterrupto era forçado a faltar às aulas.

Durante toda a sua vida, JOSÉ CARLOS não frequentou outras escolas porque faltava recursos e meios para fazê-lo aos seus pais a fim de poder continuar os estudos, pelo menos por mais algum tempo que pudesse ele assim concluir o curso primário, além do seu trabalho que tal se verificasse.

Para poder frequentar esta escola, tinha ele que andar 02 léguas a pé, numa demonstraçãõ comprovada e incontida da sua força de vontade indômita para aprender e se instruir.

Almejava JOSÉ CARLOS não só livrar-se deste fantasma horripilante da ignorância que é o analfabetismo como também para que com aquele mesmo pouco que aprendesse viesse a lhe ajudar em algo de bom, proveitoso e útil na vida, evitando ser um cego considerado de vista sã e limpa, ou melhor,um analfabeto legítimo.

No inicio de 1913, juntando tudo o que os seus pais lhe haviam deixado por herança, isto é, para si e para todos os seus irmãos, uma herançasinha, portanto, insignificante e de pobre, vendeu então JOSÉ CARLOS a pequenina propriedade rural onde moravam, juntamente com umas cabecinhas de gado e creações, dividindo proporcionalmente com cada irmãõ todo aquele pequeno apurado, cuja ínfima parte que lhe tocou na partilha, tomou ele incontinenti a iniciativa de mudar-se para Crateús.

Na cidade a qual frequentava todas as feiras de sábado, algumas vezes até engibãosado, ou seja, todo uniformizado de vaqueiro, com a finalidade de resolver seus pequenos negócios, inclusive de fazer compras para o abastecimento doméstico, resolveu também após efetuar a referida mudança, estabelecer-se com uma pequena bodeguinha.

Sempre trabalhando sem se preocupar com as horas, porque na verdade desde menino que JOSÉ CARLOS foi um madrugador nato, acordando diariamente muito antes do sol despontar ou raiar no horizonte e começando sua luta cotidiana desdeaquela hora que se prolongava geralmente entrando pela noite, foi ainda aliado ao desejo ardente e por sua indole obstinada de vencer na vida considerando que o trabalho e a luta pela sobrevivência fossem quais fossem eles, estavam ambos encarnados no seu sangue de legítimo sertanejo, de uma têmpera mesmo fora do comum e de uma fibra indomável, entremeada por sua perseverança, que se constituia outro cartãõ de visita ou de apresentação de JOSÉ CARLOS e acima de tudo com a sua honestidade comprovada, como não podia deixar de acontecer , a pequena e humilde bodeguinha dele começou logo vertiginosamente a prosperar.

Desta prosperidade resultou a sua paulatina melhoria de vida, assim comc a de toda a sua irmandade que trouxe toda consigo na mudança, irmandade esta que ele ajudava em tudo por tudo, confirmando deste modo ser realmente o chefe daquela numerosa família, da qual tomou a frente desde a prematura morte dos pais, repito.

Até antes deste progresso verificado na sua bodeguinha, não só JOSÉ CARLOS como todos os seus irmãos tinham ainda pela frente um futuro deveras duvidoso, obscuro e incerto, sobretudo no que concernia às suas sobrevivências em se tratando de uma família necessitada e pobre, mas após o seu negocinho ir crescendo e desenvolvendo-se, ele e sua irmandade já encaravam o decorrer dos dias, ou melhor, o futuro que se descortinava, com mais esperança e otimismo.

Naturalmente mais ainda JOSÉ CARLOS, que já contava como quase certa a consumaçãõ da sua vitória diante daquele esforço humano empenhado que estava à fundo com tanta garra e amor, dando tudo de si exatamente como estava fazendo para vencer.

Nãõ era para menos, portanto, que todas as sequências de suas virtudes não gerassem afinal de contas os seus frutos e não fossem também cproados de pleno, retumbante e ininterrupto êxito, sucessos estes que JOSÉ CARLOS teria incessantemente durante todo o decorrer da sua

longa e profícua vida nas décadas seguintes, tornando-se e laureando-se conseqüentemente um homem completamente consagrado e realizado econômica e financeiramente.

Assim sendo, com o bom e positivo resultado obtido no balanço da mercearia, esta ampliou-se em tais condições que logo no ano seguinte (1914) referida mercearia passou a ser um misto de armazém e loja, especialmente explorando o ramo de secos e molhados, cujo êxito nos negócios de JOSÉ CARLOS continuava e crescia desta maneira com mais intensidade, verdade esta confirmada pela decorrência dos mesmos neste Exercício em vigor ter sido seu lucro quase triplicado ao do ano anterior.

A esta altura, vizinho que era JOSÉ CARLOS de negócios dos senhores Pedro Machado da Ponte e de Francisco de Assis Machado, dois irmãos que exploravam o mesmo ramo dele, estes conhecendo como já o conheciam há vários anos, bem como todas as suas excelentes qualidades de um homem dedicado exclusivamente ao trabalho, a família (que era a sua irmandade para a qual trabalhava, pois JOSÉ CARLOS ainda era solteiro) cumpridor religiosamente dos seus deveres profissionais (e religiosos propriamente ditos também, já que ele sempre foi católico) e de uma responsabilidade à toda prova, como já demonstrara e provara em inúmeras oportunidades, além da força de vontade indômita e obstinada que ele tinha para vencer, sem vícios de qualquer natureza humana, os quais durante sua útil e proveitosa vida jamais os teve e os contraiu, convidaram então JOSÉ CARLOS a fim de associar-se a ambos.

A propósito de vícios, efetivamente JOSÉ CARLOS, que jamais os teve e os contraiu, repito, de nenhum modo e em tempo algum, nem de bebida, nem do fumo, nem de jogos de azar durante toda a sua longa existência, no entanto, como qualquer ser humano, tinha, porém, os seus defeitos e os seus erros.

Entretanto, esses defeitos e esses erros jamais também comprometeram o seu elevado nível moral, nem mesmo de leve, porque ele sempre foi um homem íntegro, circunspecto, recatado e respeitado pelos seus atos de consciência, honestidade e até somente por palavras, pois as que ele empenhava em qualquer sentido, circunstâncias ou objetivo, eram-nas cumprida à toda risca, acontecesse o que acontecesse, interpretadas com o significado de um decreto, de uma lei.

Avalie que ele era tão arredio a qualquer espécie de diversões que quando residia em Crateús, sócio que era do Grêmio Recreativo Crateuense por imposição dos seus amigos, jamais frequentou uma festa dançante neste clube, quer em companhia da sua esposa, quer da família inteira.

Aliás, caso semelhante acontecia em Fortaleza durante os mais de 40 anos da sua vida na capital, porque JOSÉ CARLOS jamais frequentou uma festa em qualquer clube de sua sociedade, nem mesmo no hoje extinto Clube Iracema quando o Sr. Pedro Machado da Ponte, seu sócio, amigo e conterrâneo era seu presidente lá pelos idos de 1942 a 1944, o qual introduzindo-lhe contra sua expressa vontade na diretoria do referido clube, JOSÉ CARLOS para o satisfazer e não desgostá-lo resolveu concordar com sua admissão, mas tão desinteressado era destas coisas que não comparecia sequer às reuniões da sua diretoria.

Bem, mas voltando a falar no convite que os irmãos Pedro de Assis Machado fizeram a JOSÉ CARLOS, este que já os conhecia recíproca e profundamente há vários anos, inclusive bem informado que estava naturalmente das excelentes qualidades e virtudes dos dois irmãos, semelhantes mesmo às suas, muito embora concordasse logo de início com a proposta daquela sociedade e união, sociedade esta que futuramente seria uma verdadeira potência econômica, financeira e patrimonial nas décadas seguintes, ou seja, até a de 60, representada por uma das firmas mais ricas, senão a maior na história do comércio do nosso Estado, resolveu ele então consultar ao seu parente, amigo e conselheiro, cujo cidadão em algumas oportunidades tinha sido até seu protetor do qual

[illegible] raras ajudas dentre as inúmeras que lhe eram oferecidas, contra sua vontade e redobrada insistência do mesmo.

JOSÉ CARLOS que já tinha por índole se esquivar até a qualquer espécie de favor, por outro lado, era de uma reconhecida responsabilidade já estava trilhando o caminho certo da sua situação econômica e financeira delineadas.

Apesar disto, contava, porém com a aquiescência deste seu grande amigo e parente, o qual não era outro senão o coronel Antonio Ferreira de Melo Falcão, mas conhecido apenas por coronel Antonio de Melo, e que seria num futuro bem próximo o avô materno da sua futura esposa, considerado que era na época um dos homens mais prósperos e recursados de Crateús, sua terra natal, senão o maior mesmo proprietário de váras e imensas áreas de terras, fazendas, gado e muito dinheiro em espécie.

Era ainda o coronel Antonio de Melo o chefe do clã da família' Melo e o patriarca desta, abrangendo uma numerosa família, família esta' oriunda de Portugal e que se ramificara em vários Estados do Brasil, principalmente do Ceará, trazendo assim para o nosso País no regime monárquico membros importantes e ilustrados da mesma, portadores de títulos nobiliárquicos de várias categorias da nobreza da época.

Conhecendo já da mesma maneira que JOSÉ CARLOS aos dois irmãos pelas recomendações e ótimas informações recebidas por pessoas da famí-' lia, de terceiros e até por conversas pessoais com ambos, não obstante ' conhecê-los apenas por suas vozes porque o coronel Antonio de Melo era completamente cego, obteve JOSÉ CARLOS, como não podia deixar de ser, amplo, pleno e total apoio de aprovação do coronel daquela sociedade que iria se constituir e perdurar por mais de trinta longos anos, tempo este' em que no seu decorrer os três jamais se desinterderam e viveram assim como que fraternalmente até a morte do seu último remanescente que foi exatamente a de JOSÉ CARLOS, ocorrida no dia 10 de maio de 1983 aos 92 anos de idade, porém ainda lúcido e com a memória perfeita.

Este verdadeiro espírito de fraternidade entre os três não sofreu o menor deslise ou resquício de comprometimento, nem mesmo sequer ' quando o Sr. Diassis Machado desligou-se definitivamente da firma P. Machado & Cia. com seus filhos Expedito e Jaime em fins de 1947 por ocasião da liquidação da mesma, não voltando, a fazer com JOSÉ CARLOS e Pedro Machado da nova que se constituiu, como veremos adiante.

Assim foi que, no início de 1915, com o capital de 15$000 (quinze mil réis), devidamente integralizados em partes iguais, JOSÉ CARLOS , Pedro Machado da Ponte e Francisco de Assis Machado constituiram a firma comercial exportadora que desde a sua fundação começou a explorar a compra de produtos do seu ramo, tais como algodão em caroço, cêra de carnaúba, couros, peles de cabras e de carneiros, peles silvestres, milho, feijão, mamona, oiticica, farinha, polvilho, etc., recebendo a denominação' social de P. Machado & Cia.

Esta firma logo prosperou em poucos anos com os bons resulta-' dos dos seus balanços verificados em cada exercício findo, passando consequentemente a liderar o comércio da cidade, não só o ramo que abraçou' mais de um modo geral e até quase também de toda zona norte e posteriormente ainda se desenvolvendo, por toda parte da zona sul do Estado.

Isto porque, com a natureza e os volumes dos seus negócios que se expandiam dia a dia, mês a mês, de ano a ano, referida firma para a-' companhar o crescimento vertiginoso dos mesmos teve consequentemente de abrir agências em várias cidades do interior, tanto na zona norte como ' na do sul do Estado, agências estas nas quais, a exemplo da matriz que até então era em Crateús, foram montadas em todas elas usinas de beneficiamento de algodão, com máquinas novas e todo o seu equipamento exportado na época do sul do país.

Estas quantidades de agências e usinas chegaram a onze, inclu-

indo a que foi montada em Fortaleza em 1932, com prensa de alta densidade, cujo fardo de algodão já saía da mesma pronto para ser exportado, quando nesta oportunidade a matriz neste referido ano transferiu-se pa a capital e o Sr. Pedro Machado passou a gerenciá-la e lá ter sua residência fixa.

Retrocedendo um pouco no relato destes fatos, com a expansão dos negócios da firma com o sul do país, foi o Sr. JOSÉ CARLOS designado a ir ao Rio por duas vezes a fim de resolvê-los, em 1925 e 1927.

Em ambas as viagens que na época só podia ser de navio, na primeira delas foi JOSÉ CARLOS preso incomunicável pela polícia carioca, tomado que foi por engano por um espião alemão que estava sendo tenazmente perseguido pela polícia, em virtude de ser ele muito fisionômica e físicamente parecido com o referido espião, pois nem mesmo as provas evidentes e concretas apresentadas por JOSÉ CARLOS convenceram a polícia de tão torpe, injusta e absurda acusação.

Todavia, a fim de que sua liberdade fosse efetivada, necessário foi a interferência oportuna e valiosa do Dr. José Nelson Catunda, primo legítimo que era de sua esposa D. Fransquinha e na época deputado federal pelo Ceará e ainda genro do ex-presidente do nosso Estado Dr. João Tomé de Saboia e Silva, o qual recebendo um bilhete secreto que JOSÉ CARLOS através de um meio clandestino conseguiu chegar às suas mãos, imediatamente tomou o Dr. José Nelson que tinha também renomado prestígio na política federal, as providências cabíveis para a rápida libertação de JOSÉ CARLOS, o que logo se verificou.

Já em 1927, como da viagem anterior, na seguinte a sorte de JOSÉ CARLOS mais uma vez lhe foi adversa, pois naufragando o navio em que viajava às costas de Salvador, Estado da Bahia, JOSÉ CARLOS que perdeu todos os seus pertences e haveres pessoais de viagem, salvou-se, porém, milagrosamente nadando quase duas milhas, ou seja, quase três mil metros.

A partir de 1930 ou um pouco antes deste ano, resolveu JOSÉ CARLOS introduzir-se na política partidária, ficando desde o início apoiando e ao lado do partido do então deputado e seu amigo dedicado e fiel Auton Aragão, que com ele chefiou o antigo P.S.D. (Partido Social Democrata) em Crateús, partido este cognominado os marretas, em oposição na época a Liga Eleitoral Católica, por sua vez cognominada e conhecida abreviadamente por L.E.C.

É oportuno não confundir o outro P.S.D., cuja mesma sigla passou a significar Partido Social Democrático, fundado que foi em 1945, juntamente com a U.D:N. (União Democrática Nacional) e outros partidos políticos após a queda do Estado Novo, como veremos a seguir.

Comandaram ambos o seu partido até o golpe do Estado Novo encetado por Getúlio Vargas em 10 de novembro de 1937, no qual fechou ele o Congresso Nacional, as Assembléias Legislativas dos Estados, as Câmaras Municipais de todas as cidades brasileiras e extinguiu todos os partidos políticos, impondo desta maneira seu regime ditatorial que se prolongou até 29 de outubro de 1945, quando ele foi finalmente deposto, a redemocratização do País voltou a normalidade e realizadas eleições gerais de todo território nacional em 3 de dezembro do mesmo ano.

Retrocedendo ainda, realizou-se o casamento católico e o civil de JOSÉ CARLOS DE PINHO com a então senhorita Francisca Catunda de Melo, em 16 de julho de 1921, em Crateús, o 1º com o padre José Juvêncio de Andrade, então vigário da paróquia, e o 2º com o Dr. José Geniano Jurema, então juíz de direito da comarca.

JOSÉ CARLOS que faria 31 anos no mês seguinte, enquanto que ela faria os 20 anos no dia 30 de novembro do mesmo ano, filha que era de Amadeu Gladstone Catunda (falecido em 26 de maio de 1947) natural de tradicional família oriunda de Santa Quitéria neste Estado, e de D. Francisca de Melo Catunda (falecida em 11 de fevereiro de 1955) mais conhecida familiarmente e na intimidade por D. Mimosa, também de

tradicional e ilustrada família de Crateús, esta por sua vez filha única do casamento em segundas núpcias do coronel Antonio Ferreira de Melo Falcão, este tão conhecido, estimado e benemérito cidadão da terra, verdadeira reserva moral dos seus contemporâneos.

A riqueza patrimonial do coronel Antonio de Melo tinha a finalidade de praticar a melhória de vida de seus parentes e amigos, ajudando-os materialmente quando para tanto era solicitado dos seus inestimáveis préstimos, contanto que o seu apadrinhado ou favorecido inspirasse e fosse da sua inteira confiança e não lhe faltasse os requisitos indispensáveis de um homem trabalhador e honesto.

Como tal já viesse se verificando mais ou menos com JOSÉ CARLOS, uma vez constituída a firma P. Machado & Cia., o coronel Antonio de Melo em algumas fases destas, principalmente logo de seu início e de conformidade com as circunstâncias do momento ou da situação, passou a dar-lhe alguma cobertura financeira, porém, sendo reembolsado todas as vezes que assim o fazia.

Posteriormente após casada, a esposa de JOSÉ CARLOS passou a se assinar por Francisca Catunda de Melo Pinho, ou melhor, chamada e conhecida na intimidade por D. Fransquinha entre seus familiares, e mais parentes e conterrâneos, tratando-se a mesma de uma senhora de altas qualidades, virtudes e dotes morais incontestáveis, de uma dona de casa verdadeiramente de mão cheia e exemplar, mãe extremosa e dedicada com acendrado amor e carinho para com seus filhos e ao marido, e acima de tudo de uma esposa cumpridora de suas obrigações domésticas e conjugais.

Além do mais, professava D. Fransquinha com espontaneidade profundo amor e fé à religião católica apostólica romana, amando e venerando permanentemente a Deus sob todas as coisas, no qual jamais deixou de alcançar com suas orações, preces fervorosas e espirituais e na pontualidade da frequências às suas missas dominicais a divina esperança,felicidade e saúde que sempre pediu e alcançou junto ao Pai Eterno, para si própria, para seu marido, para seus filhos, para seus parentes e amigos, tão sem limites era a bondade santa de D. Fransquinha.

Infelizmente, para profunda tristeza e desolação de seu esposo JOSÉ CARLOS, seus filhos, irmãos, netos, bisnetos, sobrinhos, parentes e amigos, D. Fransquinha após quase nove anos de cruéis e incríveis padecimentos, prostrada e paralítica e até já tendo perdido o sentido da voz durante seus três últimos anos, vivendo artificialmente sob os efeitos de sedativos e outros remédios semelhantes para lhe aliviar e minorar tanto sofrimento humano e atroz, além deles lhe prolongar a sua já martirizante vida, considerada e já vivendo como uma viva-morta, apesar de todo especial e privilegiado tratamento clínico e doméstico , inclusive com uma enfermeira especialmente à sua disposição durante as 24 horas do dia, com o máximo de conforto que o Sr. JOSÉ CARLOS lhe proporcionava sem medir gastos ou despesas, veio D. Fransquinha falecer acometida finalmente de um violento e incurável edema pulmonar,assim como já era incurável a sua insidiosa doença cancerosa, contraída que fora a uns nove anos atrás.

Ocorreu esta sua morte na casa de Saúde São Raimundo no dia 29 de novembro de 1978, em Fortaleza, às vésperas e a poucas horas do seu 77º aniversário e sepultada que foi, portanto, por uma infeliz coincidência exatamente no dia do seu aniversário.

Da união do casal JOSÉ CARLOS com D. Fransquinha, nasceram os

seguintes filhos, a saber: Maristela, nasceu em 16 de março de 1922, faleci da em 07 de agosto de 1970, casada que foi com o seu parente Sebastião Rodrigues de Pinho; Raimundo, mais conhecido intimamente por Osmundo, nasceu em 18 de junho de 1923, casado que foi em primeiras núpcias com Maria Nogueira Catunda, mineira de Pouso Alto e falecida em 02 de abril de 1978, casando-se ele em segunda núpcias com sua prima em segundo grau Antonia Evanete Mourão Catunda de Pinho, sendo o mesmo proprietário de imóveis; José, mais conhecido intimamente por Zezinho, contabilista, proprietário e agropecuarista, nasceu em 07 de maio de 1925, casado com Ana Célia Coelho Catunda; Valdívia, nasceu em 27 de abril de 1927, casado com Alberto Machado da Ponte, proprietário e agropecuarista; Zenilda, nasceu em 19 de novembro de 1929, casada com o cel. da reserva do Exército e deputado estadual Orzete Filomeno Ferreira Gomes; Antonio, nasceu em 31 de março de 1931, proprietário e agropecuartista, casado com Vera Hanley Catunda Pinho; Zenóbia, nasceu em 25 de março de 1936, casada com o Dr. Argos Ponte de Vasconcelos, médico ginecologista, e finalmente Aldenir, nasceu em 26 de janeiro de 1942, já em Fortaleza, enquanto que todos os outros nasceram em Crateús, casada que é com o industrial proprietário e agropecuarista Francisco Narcélio de Souza Cavalcanti.

É por demais interessante registrar que, destes casamentos, dois casais não contituiram próle, aliás três, com os dois de Osmundo, sendo que o outro foi o de José (Zezinho) com Ana Célia, enquanto que JOSÉ CARLOS chegou a alcançar familiarmente sua quarta geração, com nascimento da sua tetraneta ocorrido meses antes do seu falecimento.

A propósito de família, é oportuno também registrar toda a irmandade do Sr. JOSÉ CARLOS pela ordem cronológica de nascimento e com os seus respectivos cônjuges, a saber: Argemiro, mais conhecido familiarmente por Zulmiro, casado que foi em primeiras núpcias com sua prima legítima Cecília Melo e em segundas com Maria Marques; Maríinha, casada com Miguel Bezerra Lima; JOSÉ CARLOS, casado com Francisca Catunda de Melo Pinho (D.Fransquinha); Ana, mais conhecida intimamente por Donana, casada com Cícero Bezerra; Maria da Glória, casada com José Bezerra Lima; Luzia, casada com Manoel Bezerra Lima; João, que faleceu solteiro na década de 20 no Amazonas; Vicência, mais conhecida intimamente por Toúca, casada com João Aleixo; Rita, casada com Antonio Pierre de Aguiar; Francisco Carlos, casado com Maria Ambrósio; Mônica, casada com José Ludgero Ribeiro; Felismina, mais conhecida intimamente por Bitinha, casada com Otávio de Souza.

Destes casais de sobreviventes, apenas existem ainda duas pessoas vivas, embora descasaladas: uma sua única irmã Mônica e a outra seu ex-cunhado Otávio de Souza, casado que é pela segunda vêz com a sobrinha legítima da sua primeira mulher, a Felismina (Bitinha), filha da irmã Maria da Glória e conseqquentemente sobrinha também de JOSÉ CARLOS, enquanto que é por demais interessante registrar-se também um fato um tanto sobrenatural e fora do comum conhecido entre três casamentos das irmãs de JOSÉ CARLOS, considerando-se que os mesmos verificados são quase que inéditos no assunto na história da vida familiar e social do Ceará e quiçá do Brasil.

Estes casamentos foram os de Maríinha, Maria da Glória e de Luzia, casadas que foram com os três irmãos Bezerra Lima: Miguel, José e Manoel respectivamente, sendo que ainda um quarto deles, o Cícero, casado que foi com a Ana (Donana), era parente muito próximo destes três irmãos, o qual casou-se também em segundas núpcias, igualmente como Otávio de Souza, com uma outra filha da Maria da Glória, sobrinha da sua primeira mulher, e de JOSÉ CARLOS, que foi a Marfisa.

na época das eleições bois das suas fazendas para serem abatidos a fim de fornecer alimentação farta aos seus eleitores como dando também a estes outros auxílios de naturezas semelhantes, porém muito diferentes do sistema corrupto da compra de votos de hoje, porque naquela época da década de 30 o eleitor era realmente leal, sincero e consciente, não sendo também interesseiro e meio profissionalizado como o de agora, pois além do mais o voto naquela época não era secreto e sim a olho nú, mesmo e a bico de pena, como se costuma dizer ao recordar-se do passado das eleições de outrora, cujo eleitor votava assim na presença e abertamente de todos os membros da mesa.

A verdade é que JOSÉ CARLOS não foi prefeito da sua terra, deputado estadual ou até mesmo federal independente de qualquer exagêro político porque não quis, repito, uma vez que para ter sido e passado por todos esses elevados e importantes cargos na política, tinha ele de tudo nas mãos para sê-lo: poder, prestígio e dinheiro.

JOSÉ CARLOS que gostava de acompanhar através da imprensa falada e escrita todos os acontecimentos que se desenrolavam no Ceará, no Brasil e no mundo, principalmente àqueles relacionados de natureza comercial e política, quando no início da década de 1930 seu cunhado, hoje desembargador Raimundo Catunda veio estudar em Fortaleza remetia-lhe pelos correios todos os fins de semana uma infinidade de jornais variados da capital que ele os lia indistinta e àtentamente, com o máximo de interesse e atenção de ponta a ponta.

Após lê-los, ia ele comentar com os amigos nas rodas de calçada noturnas da sua residência todas aquelas novidades, cujos assuntos das mesmas passavam a ser o prato predileto daquele renhido e discutido "bate-papo", que às vezes ultrapassava as horas costumeiras de JOSÉ CARLOS se recolher ao leito com sua família.

Mas quando ele foi residir em Fortaleza, tão logo chegou se tornou assinante por muitos anos dos jornais Correio do Ceará e do O Povo, além, de todas as manhãs ouvir o noticiário das emissoras existentes na época, sendo que por último com o advento da televisão, passou ele também a ver e a ouvir todos os seus noticiários, dos quais era um verdadeiro "pé-de-boi".

Contudo, levando-se em conta a sua característica modéstia, com a sua humildade de quem veio do nada para chegar às culminâncias a que chegou e com a sua bondade quase santa para com os amigos, parentes e correligionários, entremeadas e aliadas à sua timidez também nata em se sobressair e para ser o que realmente podia e merecia, ficando assim equidistante e no anonimato, era ele, na verdade, destes que além de ajudar aos amigos em outros setores da vida, fazia ainda escada para que êles subissem na política e no final daquela façanha trabalhosa, dispendiosa e aborrecida como sempre o foi, é, e continua sendo, no caso de qualquer eleição, por mais fácil que seja a sua vitória.

Com a implantação do Estado Novo, José Carlos que já fazia da política uma atividade amadora, um divertimento espontâneo e de prazer a fim de espairecer a preocupação do seu cotidiano, no seu intenso trabalho e dos negócios da sua firma comercial, que aquela altura crescia e se expandia a passos largos, tanto assim que desde a sua fundação até agosto de 1940, quando saiu de Crateús para transferir sua residência para Fortaleza, o capital da firma já tinha aumentado várias vezes e seus lucros de exercício para exercício findo nos balanços verificados eram cada vez mais compensadores, JOSÉ CARLOS ainda residindo na sua terra aproveitava estas oportunidades para aumentar também o seu patrimônio.

Para encerrar o elo de laços Bezerra entrosado na família de JOSÉ CARLOS, não podia ficar equidistante e esquecido o casamento do outro Manoel Bezerra, este grande e prestigioso político de Crateus, vereador que foi em várias legislaturas e seu presidente da Câmara Municipal, casado que é com a Isaura, sobrinha legítima de JOSÉ CARLOS e filha da sua irmã Luzia, com Manoel Bezerra Lima.

Prosseguindo, Manoel Bezerra (o ex-vereador) é também por sua vez, parente bem próximo de todo esses Bezerra aqui referidos, valendo-se salientar ainda o casamento um tanto recente de Raimundo, o Osmundo, filho de JOSÉ CARLOS, que casou-se em segundas núpcias com a senhorita Evanete, sua prima em segundo grau, filha que é de José Bezerra de Pinho com Elisabete Mourão Pinho, seu pai primo legítimo de Osmundo, sobrinho de JOSÉ CARLOS e filho que era de Cícero com Donana, esta irmã de JOSÉ CARLOS e o casal avós de Evanete.

Mas continuando com a narrativa da vida política de JOSÉ CARLOS, as suas atividades neste setor, apesar de serem declaradas e públicas antes do golpe de Estado de 1937, como chefe que era marretista poderia aspirar sem modéstia de vaidade à Prefeitura de Crateús ou mesmo uma cadeira de deputado estadual na Assembléia Legislativa, quando podia ter sido eleito com folgada margem de votos.

Ainda mais que, naquela época, possuidor de um patrimônio já considerável, conhecido como era na cidade, nos seus municípios e em algumas cidades circunvisinhas do interior nas quais ele era muito estimado benquisto e conceituado, o principal de tudo, a sua base política realmente se concentrava no seu prestígio pessoal que desfrutava perante até a área estadual, ou melhor dizendo, na governamental, sem nenhum exagero.

Tanto isto é verdade que, JOSÉ CARLOS pessoalmente conseguiu numa de suas viagens de negocio à Fortaleza em 1934 a nomeação do seu grande amigo e conterrâneo Raimundo Machado da Ponte para prefeito de Crateús e a do seu sogro Amadeu Gladstone Catunda para coletor estadual, nomeações estas efetuadas pelo então presidente do Estado Cel. Felipe Moreira Lima.

Entretanto, como JOSÉ CARLOS não alimentava nem tão pouco tinha qualquer pretensão ou ambição política que viesse a lhe proporcionar um mandato parlamentar ou a prefeitura da sua terra, e que seria favas contadas se ele os tivesse reivindicado, as suas vitórias seriam insofismáveis e consumadas nas urnas.

JOSÉ CARLOS que com apenas os dois anos incompletos que tinha de escola, era contudo isto, um homem de uma inteligência previlegiada, de um raciocínio vasto e apurado e que pensava longe e certo, preferia, no entanto, só mesmo chefiar o seu partido.

De maneira que, assim procedendo, ele nesse setor da sua vida, igualmente como na comercial e social, vivia sempre à sombra dos bastidores e quase que praticamente na obscuridade, numa discreção à toda prova, sem aparecer a olhos vistos na arena da luta,

Era natural que ele adotasse este sistema, porque o seu lema consistia em resolver os problemas desta natureza através do entrévero, do diálogo , da concórdia e da diplomacia, logo agindo e trabalhando deste modo ele jamais teve inimigos políticos ou de qualquer espécie, quando pelo contrário não só na sua terra e em Fortaleza principalmente, cidades nas quais, dividiu a sua vida, bem como em outras congêneres e localidades por onde andou e ficou conhecido só arranjou e amealhou foi uma legião incontável de amigos dedicados e sinceros, valendo-se ressaltar que até na convergência dos seus opositores políticos este fato também se verificava.

Conforme já frisei, sua política que era trabalhada como já me referi, consistia ainda em ajudar materialmente e com seu comprovado prestígio os amigos políticos mais a si chegados, não somente encomendando

Concomitantemente aumentava-o adquirindo imóveis por intermédio de compras e construindo-os, construções estas de preferência de prédios' residênciais, chegando assim a atingir um total de umas duas dezenas de imóveis, dentre estes incluindo ainda terrenos e fazendas, dando desta maneira sua contribuição na construção civil para o progresso urbanístico ' de Crateús com a imobilização na edificação de referidos imóveis, alguns' destes entre outros residenciais que complementaram até o término do quarteirão da sua casa de residência.

JOSÉ CARLOS que gostava imensamente de fazendas e gado, porque tudo enfim que se relacionasse com as coisas do sertão estava enraizada ' no seu sangue conforme já frizei, algumas fazendas que ía adquirindo no' município da sua terra quando lá residia, quase todas às tardes de sábado viajava à cavalo, característica e devidamente embotado, isto é, com um par de botas de couro protegendo-lhe as pernas, além de calça e camisa e um chapéu de palha ou de massa à cabeça, traje este da época que se constituia para viagens dessa natureza para as mesmas, a fim de inspecioná-las de um modo geral, principalmente nas ferras dos bezerros.

Regressava de referidas fazendas às tardes de domingo, enquan-' to que durante os invernos costumava ele levar a família para passar temporadas de dez a quinze dias, permanecendo, porém, durante este período na cidade trabalhando, ficando sua familia na fazenda, indo para onde se en-' contrava a mesma somente às tardes de sábado, e como sempre, regressando' às de domingo.

Já com os outros imóveis e fazendas adquiridos após ele ir residir em Fortaleza com sua família em agosto de 1940, adotava JOSÉ CARLOS o mesmo sistema para com essas suas outras fazendas, não se descuidando também de inspecioná-las, más para elas se transportando já no seu próprio carro particular, uma vez que com a evolução do tempo e com o consequente pro-' gresso da nação, passou a existir transporte rodoviário de várias modalidades em todos os quadrantes do Brasil, inspeções estas, a exemplo das suas fazendas compradas anteriormente, sobretudo nas ferras, sendo que em algumas oportunidades durante a fase invernosa demorava-se dias nelas em companhia de D. Fransquinha.

Por ser exatamente fazendeiro ou agropecuarista, comerciante, industrial e como não podia deixar de ser, sertanejo da gema mesmo, JOSÉ CARLOS preocupava-se muito com os invernos, especialmente quando os mesmos retardavam, já que a criação de seus rebanhos de gado, o aumento destes e de suas crias, assim como o desenvolvimento das suas fazendas dependiam ' de chuvas e de água em abundância, do mesmo modo que a expansão e desen-' volvimento também dos volumes de negócios da sua firma.

JOSÉ CARLOS que se preocupava ainda muito com a educação dos filhos, à partir de dezembro de 1935 mandou seus dois filhos homens mais velhos, o Raimundo (Osmundo) e o José (Zezinho) estudarem num dos melhores colégios particulares de Fortaleza, no caso o Ginásio São João, atual colégio do mesmo nome, no qual ambos foram seus alunos internos pór cinco anos durante todo o seu curso ginasial, constituido que era na época de cinco anos e denominado curso de humanidades, sendo que o José (Zezinho) após concluir o curso complementar de medicina, o pré-médico, optou, no entanto, pela carreira e sua conclusão de técnico em contabilidade.

Em 1937 foi a vez da sua filha mais velha da irmandade Maristela, vir também estudar como aluna interna no colégio Juvenal de Carvalho, enquanto que no ano seguinte foi a vez de Valdívia em idênticas condições

porém, esta no colégio de N.Sra. das Doroteias, ambos colégios genuinamente femininos.

Nestas circunstâncias, quando JOSÉ CARLOS transferiu sua residência para Fortaleza em agosto de 1940, repito, como já disse, para lá juntar-se aos seus sócios Pedro Machado da Ponte e Francisco de Assis Machado, que já se encontravam residindo na capital desde 1932 e 1936, respectivamente, quatro destes seus filhos mais velhos estudavam há vários anos nos colégios acima referidos, sendo que seus filhos mais novos que vieram em sua companhia constituido-se o restante da família, também continuaram lá seus estudos.

É por demais importante lembrar também que JOSÉ CARLOS muito antes de residir em Fortaleza, para não falar somente nos seus irmãos e irmãs que ele os ajudavam nas condições em certa época manter toda a subsistência da casa desde quando rapazinho bem novo logo que começou a progredir na vida, ajudando-os até o seu falecimento, esta sua ajuda material foi ainda extensiva a alguns dos seus sobrinhos, e demais parentes e amigos leais, sinceros e da sua confiança, a estes últimos (amigos) independentes de qualquer facção política e partidária, em algumas outras vezes não se preocupando sequer com o montante do dinheiro ou do crédito que lhe era solicitado, principalmente quando se tratava de uma doença em família, para a qual ele custeava até o tratamento do enfermo.

Isto porque, embora reconhecidamente que foi ele muito seguro, econômico e comedido nos gastos, não significando absolutamente com isto dizer que para sua própria família JOSÉ CARLOS medisse despesas, quando pelo contrário proporcionava-lhe era o máximo de conforto e de um modo geral, especialmente com mesa farta, inclusive para quem até chegasse em sua casa de surprêsa, íntima e familiarmente participava dos seus pirões, como se costuma empregar-se na gíria uma expressão desta, ocasião em que o visitante retardatário se fartaria mesmo à vontade.

Ele só viveu quase que exclusivamente para economizar e trabalhar, não obstante esta sua segurança para com o supérfluo, é claro, já que soube sentir na pele e no corpo o suor que derramou no rosto para ganhar com o máximo de trabalho e esforço que podia dar e consequentemente com o sacrificio que fez para amealhar o patrimônio que conseguiu à duras penas e com a honestidade que lhe era peculiar.

Tornava-se assim JOSÉ CARLOS como que um padrinho dos seus amigos naquelas oportunidades, arranjando-lhes de tudo o que eles lhes pedissem e precisassem, sendo que as vezes na hora das prestações de contas, abria mão de tudo, ou melhor, dispensava a dívida contraída.

Por falar ainda em trabalhar, JOSÉ CARLOS até já homem idoso e com sua doença cardiológica manifestada, continuava madrugador e trabalhando, porque considerava o trabalho uma verdadeira bandeira de luta para se vencer na vida, dedicando ao mesmo um amor acendrado e até fanático.

Avalie que quando ele ainda morava em Crateús, naquela época a energia elétrica que fornecia a cidade, puxada a motor à óleo diesel de propriedade do Sr. Firmino Aguiar, e que funcionava somente das dezoito às 21.30 ou 10 horas da noite, todo santo dia ele ia para o trabalho antes do dia clarear,

Entretanto, já aos sábados que era e continua até hoje dia de feira, ele impacientava-se com este despontar da aurora e saia então para o armazém logo madrugada alta, com o farol na mão, a fim de conseguir a preferência, frequesia e os negócios dos camboeiros, que iam chegando também antes do despertar do dia.

Era ele assim o primeiro comerciante, incluindo dentre estes os empregados da época também que primeiro chegava para trabalhar pontual e e indistintamente todos os dias, pois por aí ainda existem em Crateús algumas pessoas daquela época para confirmar como testemunhas que foram desta pura e incontestável verdade.

Após mais de ano ao fixar residência em Fortaleza, ou seja, apenas aos 51 anos de idade, voltando a sentir manifestações de sintomas cardíacos, JOSÉ CARLOS que em 1937 já tivera ainda em Crateús um distúrbio meio violento de ataque cardíaco, resolveu se precaver desta traiçoeira e perigosa doença, fazendo uma viagem em 1941 ao Rio de Janeiro em companhia do seu amigo Dr. Raimundo de Moura Fé.

Trata-se este seu amigo de um médico piauiense mas cearense e especialmente crateuense de coração, casado que é com uma ilustre senhora da tradicional e importante família Machado de Crateús, onde ele clinicou durante quase duas décadas, prefeito da terra que o acolheu com hospitalidade e carinho, e posteriormente deputado estadual pela gloriosa U.D.N. após a redemocratização do País em 1945.

Esta viagem do Sr. JOSÉ CARLOS tinha a finalidade precípua de fazer um chek-up completo e de submeter-se a um tratamento intensivo e rigoroso, viagem esta que aliás foi extensiva a uma estação hidromineral do Estado de Minas Gerais.

Referido tratamento que demorou pouco mais de um mês, JOSÉ CARLOS ao regressar com o Dr. Moura Fé estava praticamente recuperado, porém nada de curado.

Seu diagnóstico era lógico e explícito, porque afinal de contas sua insidiosa doença era malígna e incurável, mas a verdade é que diante dos bons resultados obtidos neste tratamento pôde ele então continuar trabalhando normalmente, todavia com certa cautela.

Não se descuidou assim JOSÉ CARLOS de sempre continuar se tratando e se consultando até com freqüência com um especialista renomado da competência, da estirpe, considerado que era este seu médico uma verdadeira sumidade na profissão que foi este grande discípulo de Hipócrates na pessoa do Dr. Antonio Jorge de Queiróz Jucá, seu amigo também e conterrâneo, cujo prematuro falecimento do mesmo deixou uma grande lacuna no seio da sua prestigiosa classe, do qual foi presidente do seu Centro Médico.

Por este motivo, a influência positiva que o Dr. Antonio Jucá, como era abreviadamente conhecido, teve para JOSÉ CARLOS ultrapassar aos noventa anos, vivendo mais de noventa e dois e meio, quando é comum pessoas acometidas dessa doença morrerem na meia idade e às vezes até na juventude, foi ainda das mais benéficas e eficientes, pois não resta dúvida que o prolongamento da vida de JOSÉ CARLOS atingindo a longevidade a que chegou, teve a contribuição reconhecida da assistência profissional do Dr. Antonio Jucá.

Aliás, foi realmente uma complementação de grande proveito e valia por assim dizer no que se refere aos cuidados médicos dispensados pelo Dr. Antonio Jucá ao seu privilegiado cliente, tal era o desvêlo profissional como ele tratava JOSÉ CARLOS.

Apesar disto, não deve passar despercebido também desta longevidade de JOSÉ CARLOS ante tão grave doença a contribuição eficientíssima e insubstituível que lhe proporcionou para tanto os três marca-passos que ele se utilizou por mais de oito anos, do contrário teria ele falecido pouco antes de colocar o primeiro destes aparelhos, adaptado que lhe foi

va, segundo o diagnóstico consciente e abalisado de especialista que estavam bem a par e seguramente informado do seu já periclitante comprometedor e sobretudo grave estado de saúde.

JOSÉ CARLOS mesmo tendo uma vida um tanto longa, poderia esta ter sido mais prolongada se Deus o estivesse ajudado um pouco mais, porque gente da estirpe, da fibra, do quilate de um corãção aberto, magnânimo e bondoso, como ele o era e ele o tinha, onde útil e sempre presente quer nas horas certas quer nas incertas, tanto na alegria como na dor e com sua pontualidade infalível e britância na hora exata de trabalhar e de servir aos amigos, parentes e corregilionários, aos quais jamais faltava com sua ajuda necessária, pontual e até mesmo versátil, é mister que se assinale e registre ainda que esta sua arraigada e declarada bondade era especialmente extensiva a todos os seus familiares mais íntimos, conforme já me referi.

Não obstante tudo isso, o ponto mesmo nevrálgico da sua vida foi a sua situação comprovada sentimentalmente como um bom filho, bom pai, bom marido, bom irmão, bom avô, bom bisavô, bom tio, bom genro etc., enfim ele foi bom sob todos os aspectos no que concerne a sua família de um modo geral na qualidade de homem que nasceu, viveu e morreu, mas que deixou seus frutos, não só por intermédio da perpetuação da espécie, mas também na sua marca registrada indelével e póstuma.

Ajudando a toda esta humanidade que lhe era tão achegada, íntima e apadrinhada por si, que naturalmente, a exemplo de seus familiares, jamais o esquecerá.

A propósito, falando-se em apadrinhamento, JOSÉ CARLOS e dona Fransquinha tinham uma infinidade de afilhados em Crateús, mais de uma centena até enquanto residiram na sua terra natal, tanta era a sua quantidade que naquela época talvez só fossem rivalizados ou mesmo derrotados por uma única pessoa que ainda hoje os adquire lá à granel, dada a sua imensa popularidade e bondade incomparável e santa que foi, é, e continua sendo esta grande mulher na figura da maior educadora de todos tempos que Crateús já possuiu, julgamento este que faço com justiça para com ela sem querer menosprezar o mérito e as virtudes também possuidoras e semelhantes das suas colegas.

Educadora de tantas gerações que é a insígne e sempre lembrada pelos seus contemporâneos, da época atual, para o futuro e enfim até para a posteridade, uma vez que a professora Francisca Rosa representa um verdadeiro símbolo, um monumento, o folclóre da sua idolatrada e amada terra, madrinha que é entre a infinidade de afilhados que os tem, de batismo do José (Zézinho), filho do Sr. JOSÉ CARLOS com dona Fransquinha.

O País tendo então voltado a sua normalidade democrática em 29 de outubro de 1945, JOSÉ CARLOS filiou-se incontinenti a União Democrática Nacional (U.D.N) em Fortaleza, como um dos seus soldados e corregilionários mais influentes e de reconhecido prestígio.

Isto embora continuasse adotando ele o seu mesmo sistema político de outrora, trabalhando na surdina sem aparecer e ficar assim quase ou completamente no anonimato, uma vez que seu nome jamais foi mencionado na imprensa falada e escrita daquela época, nem sequer da maneira mais discreta possível, porquento sempre foi da sua índole, do seu temperamento se esquivar qualquer promoção pública, seja ela de que natureza fosse.

No entanto, era trabalhando políticamente deste modo discreto e no anonimato que JOSÉ CARLOS mesmo contribuindo com ajudas materiais mais ou menos respeitáveis e valiosas e com algum eleitorado ainda, elegia ele assim seu candidato preferido e amigo, leal e sincero partido a deputado estadual e a federal, os quais com acréscimos de mais de uma pequena comple

tação material e de votos elegiam-se infalivelmente, jamais perdendo eleições, como foram os casos dos que ele prestou sua irrestrita e indispensável colaboração eleitoral como verdadeiro testa-de-ferro, cujos nomes não os menciono por uma questão de ética e discreção.

Com atitudes meritórias e benéficas deste jaez na política, JOSÉ CARLOS absolutamente jamais tirou o mínimo proveito ou vantagem para si, em seu interesse pessoal ou sequer para qualquer membro da sua família, quando para isto ele jamais também teve a mínima intenção, sendo que ele fazia tudo aquilo em proveito, sim, mas do seu candidato preferido amigo e sincero, apenas numa demonstração realmente cabal e comprovada da sua lealdade amiga e partidária.

Voltando à rotina da vida comercial de JOSÉ CARLOS, com a extinção e liquidação da firma P. Machado & Cia. em dezembro de 1947, quando nesta oportunidade o Sr. Diassis Machado resolveu desligar-se da mesma em companhia de seus filhos Expedito e Jaime, que já aquela que tinha uma pequena participação nos lucros, JOSÉ CARLOS todavia, continuou com o Sr. Pedro Machado juntamente com o filho deste, Alberto, com o irmão de Pedro Machado, Francisco Machado, mais conhecido por Chicó, com o genro de Pedro Machado, Leonel Jucá Filho e com o filho do próprio JOSÉ CARLOS, José (Zezinho), estes quatro últimos mencionados, a exemplo dos filhos do Sr. Diassis no tempo dos últimos anos de P. Machado & Cia, já tinham também uma pequena participação nos seus lucros.

Logo no início de 1948, no dia 05 de janeiro foi então constituída a firma Casa P. Machado Ltda, uma sociedade por cotas de responsabilidade Ltda, com um capital integralizado Cr$ 9.000.000,00 (nove milhões de cruzeiros), distribuidos em 900 cotas de Cr$ 10.000,00 (dez mil cruzeiros), de conformidade com o seu contrato registrado e arquivado na Junta Comercial do Estado, fazendo parte da mesma os sócios acima citados, com sua matriz continuando em Fortaleza e conservando todas as filiais nas zonas norte e sul do interior do Estado explorando o mesmo ramo de negócios quando de sua fundação em 1915.

No dia 27 de novembro do ano em curso (1948), conforme aditivo registrado e arquivado na junta comercial do Estado, a Casa P. Machado Ltda. foi transformada em sociedade anônima, aumentado o seu capital para Cr$ 12.000.000,00 (Doze milhões de cruzeiros), integralizado que foi pelos seus sócios diretores e demais acionistas, diretoria esta que foi constituída e eleita desde a fundação da Casa P. Machado Ltda., cujo capital da nova firma foi dividido em 12 mil ações de Cr$ 1,000,00 (mil cruzeiros).

Com a transformação supra da Casa P. Machado Ltda. para sociedade anônima, sua firma sucessora recebeu a denominação social de Cia. P. Machado-~~Exportação~~ e Importação, cujo ramo de negócio continuou ainda o mesmo, bem como suas agências e usinas de beneficiamento de algodão, idem, firma esta para a qual foi elaborada um estatuto, e da mesma maneira arquivado e registrado na Junta Comercial do Estado.

Com o falecimento do Sr. Pedro Machado, ocorrido no dia 22 de setembro de 1950, que era o presidente da referida Cia., na sua diretoria que fora eleito por unanimidade, JOSÉ CARLOS que apesar de ser seu vice-presidente e de ter seu capital integralizado em igual quantidade de ações ao Sr. Pedro, de conformidade com que estabelecia o estatuto da referida Cia., deveria substituí-lo na presidência da mesma.

No entanto o Sr. JOSÉ CARLOS que já não era mais tão moço e tinha muitos problemas e afazeres com seus negócios particulares para se preocupar, principalmente com outros bens imóveis que ia adquirindo na capital, quer através de compras, quer construindo-os, de preferência no

centro da cidade e no bairro da Aldeota onde ele sempre residiu desde que chegou à Fortaleza, dentre estes imóveis, a aquisição também de outras fazendas em diversas cidades do interior do Estado; resolveu ele continuar mesmo no cargo de vice-presidente e ficar assim trabalhando normalmente, evitanto mais problemas e responsabilidades para cima de si, confiando desta' maneira a presidencia da companhia pela qual renunciara ao seu genro Alberto Machado.

Nesta oportunidade, não apenas por causa desta sua renuncia como pelo desligamento espontâneo da companhia do Sr. Leonel Jucá Filho e do Sr. Francisco Machado da Ponte (o Chicó), teve referida companhia sua nova diretoria eleita em Assembléia Geral Ordinária que foi assim modificada, além do Sr. JOSÉ CARLOS e Alberto Machado, cujos outros membros da mesma eram os senhores José Catunda de Pinho (Zezinho), filho de JOSÉ CARLOS, seu cunhado, bacharel e hoje desembargador Dr. Raimundo Catunda e concunhado ' do Sr. Pedro Machado, Evandro de Queiróz Studart.

Quando se verificaram estas modificações na diretoria da compa - nhia, seu capital já tinha sido aumentado para Cr$ 16.000.000,00 (dezesseis milhões de cruzeiros), sem incluir seu fundo de reservas, conforme também' outro aditivo encaminhado, registrado e arquivado na Junta Comercial do Estado no ano de 1950, capital éste distribuido do mesmo modo como das vezes anteriores, ou seja, com as subscrições de ações de Cr$ 1.000,00 (hum mil cruzeiros) e que já tinha sido integralizado.

Neste ínterim, ou melhor, no período decorrido entre 1951 e 1959, referida companhia continuou a ter bons e compensadores lucros, crescendo' e desenvolvendo-se com mais impulso ainda, inclusive chegando a aumentar o seu capital para Cr$ 20.000.000,00 (vinte milhões de cruzeiros) e posteriormente para Cr$ 50.000.000,00 (cinquenta milhões), excluido o seu fundo de reservas, operações estas efetuadas igualmente do mesmo modo que as ante-' riores.

JOSÉ CARLOS continuava adquirindo e construindo outros imóveis , chegando os mesmos a atingir na capital um total de aproximadamente mais de cinco dezenas deles, aumentando mais ainda o seu patrimônio como continuando a conceder ajudas e favores incontáveis aos seus parentes e amigos, cuja riqueza JOSÉ CARLOS não compartilhava apenas com sua família.

Foi ainda durante este período, no ano de 1953 que desligaram-se também espontaneamente da Cia. P. Machado, no primeiro semestre do ano, o seu filho José, e o seu cunhado Dr. Raimundo Catunda, que ingressando logo em seguida na magistratura está hoje no ápice da sua carreira como desem-' bargador que é do Tribunal de Justiça do Estado, além do concunhado do Sr. Pedro Machado, Evandro de Queiróz Studart, hoje residente no Estado do Rio de Janeiro, sendo que por fim foi a vez de despedida do próprio JOSÉ CAR-' LOS, exatamente por ocasião do balanço do exercício findo de 1959, cuja ' firma continuou ainda a operar até fins de 1967, quando extinguiu-se definitivamente neste mesmo ano.

Entretanto, JOSÉ CARLOS antes de desligar-se da Cia.P.Machado, recebendo em 1952 um convite dos Srs. Raimundo Machado da Ponte, seu grande' amigo e conterrâneo e Francisco Jaime Nogueira Pinheiro, outro seu grande' amigo de saudosa memória, presidente e diretor-gerente respectivamente no antigo Banco Central do Nordeste, posteriormente Banco Mercantil do Ceará S/A. e hoje Banco Mercantil de Crédito S/A., para ingressar na sua diretoria, o convite foi prontamente aceito.

Quando este Banco mudou sua denominação social para Banco Mercantil do Ceará S/A., ao mesmo tempo que transferiu suas instalações para a Rua Floriano Peixoto, apesar de JOSÉ CARLOS ser o membro da sua diretoria com o maior número de ações, considerando-se que a esta altura estava ele ainda'

ligado comercialmente à Cia. I. [illegible] continuava trabalhando e dando expediente normal, renunciou JOSÉ CARLOS mais uma vez a esta honraria como seu presidente do referido banco, preferindo ficar assim mesmo como seu vice, entregando o cargo principal de diretor presidente ao Sr. Raimundo Machado da Ponte.

Finalmente em outubro de 1965 após auferir também bons resultados nos balanços dos fins de exercício findo do então Banco Mercantil do Ceará S/A., JOSÉ CARLOS pedia por livre e espontânea vontade sua renuncia à diretoria do cargo de diretor vice-presidente.

A exemplo do que lhe acontecera em 1947, na liquidação de P.Machado & Cia. e consequentemente com a saída do Sr. Diassis Machado com os seus filhos; em 1959 no seu desligamento espontâneo da Cia. P. Machado e desta vez noaBanco Mercantil do Ceará S/A., JOSÉ CARLOS desligou-se de todas estas grandes empresas comerciais, da financeira e bancária deixando naquele ano de 1965 e encerrando, portanto, definitivamente sua vida como comerciante, industrial e banqueiro na maior harmonia possível e continuando o mesmo amigo de sempre de todos os seus colegas sócios, diretores e funcionários sem quaisquer queixas ou ressentimentos, fossem de que natureza fossem, para com todos eles e vice-versa, aos abraços de despedidas mais efusivos e cordiais.

Estas amizades de JOSÉ CARLOS para com todos aqui referidos que trabalharam e conviveram com ele, além dos omitidos que também privaram da sua amizade, porque a relação seria imensa, como não podia deixar de ser, perdurou até a sua lamentável e inesquecível morte que deixou uma saudade imorredora, principalmente entre os seus familiares mais íntimos e assim ligados consaguíneamente, como aos seus filhos, a sua única irmã sobrevivente, aos seus netos, aos seus bisnetos, aos seus sobrinhos e finalmente aos seus demais parentes e amigos.

JOSÉ CARLOS que deixou a família toda numa situação econômica e financeira privilegiada, era tão precavido e bondoso que antes mesmo de D. Fransquinha falecer fêz duas grandes doações de imóveis aos seus filhos (inclusive dinheiro), aliás com todas as despesas destas custeadas por sua própria conta, da mesma maneira que o inventário de D. Fransquinha arrolando o restante dos seus imóveis ainda existentes, inventário este sem que também seus filhos despendessem sequer um centavo, todo que foi, a exemplo das doações, custeado por sua exclusiva conta.

Neste inventário em que foi arrolado a sua própria casa na qual estava ele residindo, tendo permanecido nela por mais alguns meses após a morte de D. Fransquinha, seu estado de saúde, porém, já se agravando consideravelmente, foi ele assim forçado a transferir sua residência para a casa da sua filha Valdivia, esposa do seu genro Alberto Machado, onde lá sob a assistência particular e especial de duas ótimas enfermeiras contratadas para acompanharem todos os passos e alterações da sua doença durante as 24 horas do dia, identicamente como acontecera à D. Fransquinha, viveu seus últimos dias apenas com os bons rendimentos ainda que lhe proporcionavam os juros e correções de determinado capital que ele o aplicou na poupança.

Muito doente que já estava e bastante idoso, só sua idade avançada lhe desfavorecia qualquer melhora, veio JOSÉ CARLOS a falecer no Prontocárdio, unidade hospitalar das melhores e mais bem montadas de Fortaleza na qual se internara nove dias antes do infausto evento, acometido de uma trombose sequenciada de uma pneumonia que os levara a cruel morte.

JOSÉ CARLOS que sepultou-se exatamente no dia da sua morte, na capela da família no cemitério São João Batista, em Fortaleza, na qual

repousam lá também os restos mortais de sua esposa D. Fransquinha , seu sogro Amadeu e da sua filha primogênita Maristela, que deixou dois filhos já adultos: o conhecido jornalista Fco.Catunda Pinho e José Carlos de Pinho Neto.

Da união de JOSÉ CARLOS com D. Fransquinha nasceram ainda duas crianças em Crateús, ambas do sexo feminino, que faleceram ********** ainda infantes, sepultadas que foram no cemitério da mesma cidade.

Foram elas; Antonina, nascida em 1934 e falecida no mesmo ano e a primeira Aldenir, nascida em 19 de fevereiro de 1939 e falecida em junho de 1940.

A propósito ainda de filhos, embora tardiamente, pois este fato tinha-lhe passado despercebido antes, o José (Zezinho) quando estudava no antigo Ginásio São João (hoje colégio do mesmo nome), tinha uma turma composta de mais de cinquenta alunos, era ele o benjamim da mesma, ou melhor, o mais moço.

Enquanto isto, por questões familiares, não tendo ele se bacharelado em Direito, do que resultou disto a maior frustração da sua vida, pelo fato dele ~~xxxxx~~ ter apenas concluido o curso técnico em contabilidade, referida conclusão deste curso não teve para ele,absolutamente, o significado da escolha de uma opção como fora mencionado linhas atrás, mas na verdade de um consolo por ter sido contrariado na sua pretensão por não ter seguido a carreira de sua verdadeira vocação, manifestada e comunicada aos seus pais desde que começara a cursar o primeiro ano ginasial.

JOSÉ CARLOS que nunca teve o mínimo orgulho para com ninguém , ao contrário disto era um homem simples e humilde, tratando a todos,quer aos ricos quer aos pobres com o máximo de atenção e igualdade, porque entre um e outro ele não fazia diferença nem distinção.

Isto era lógico e evidente, não só porque ele já nascera assim, por outro lado, tendo passado também pelo o que ele passou,por duas fases completamente opostas da vida e consequentemente pelas experiências que ele as teve em cada, a que mais o marcou, nunca esquecendo-a e sempre relambrando-a com entusiasmo e uma certa pinta de orgulho e vaidade para consigo mesmo, fora exatamente a de pobre, apesar de nela ter passado por inúmeras privações.

Dentre estas privações de pobre mesmo como Job, JOSÉ CARLOS costumava comentar ainda que o almoço na sua casa com seus irmãos logo que perdera os pais se resumia a um pequeno prato de feijão com farinha e rapadura, cujo jantar que era mais modesto constituia-se algumas vezes somente de pirão de farinha.

Não deixa de ser sido a influência e o reflexo da sua vida de pobre que o impeliram a continuar com o mesmo costume de outrora quando residia em Crateús já também em Fortaleza ter sempre à sua mesa após às refeições (incluindo as vezes o jantar) a sua inseparável e apetitosa rapadurinha como sobremesa predileta e preferida, que não a trocava por qualquer outra.

JOSÉ CARLOS só deixou de consumí-la naquelas oportunidades,não em consequência da sua já avançada idade, mas exclusivamente por sua doença que estava se agravando e o seu médico recomendara abolir àquela sua sobremesa sertaneja.

JOSÉ CARLOS nos momentos de humor gostava tanto dos pobres que, não só com os vaqueiros e os moradores das suas fazendas, como com os trabalhadores da firma em Crateús e em Fortaleza, tirava brincadeiras com quase todos eles, prosando na maior intimidade e camaradagem como se fos

sem seus velhos amigos e que realmente os eram.

Em certos momentos, ria-se ele a valer, soltando gargalhadas a êsmo e gostosas, brincadeiras estas que apesar de uma determinada liberdade que ele as concedia, porém, dentro dos limites morais do mais devido e puritano respeito, sem descambá-las de modo algum para o terreno do deboche ou da pornografia.

A bondade, a precaução e os conselhos que JOSÉ CARLOS dispensava, tinha e ministrava aos filhos era os de um homem possuidor de uma experiência bem vivida e sofrida, ao mesmo tempo que conhecia palmo a palmo o lado bom e o màu da vida em todas as suas circunstâncias e alternativas, conselhos estes que só tinham a precípua preocupação e finalidade com o propósito definido de encaminhá-los na estrada do bem, especialmente no sentido de evitar-lhes alguns problemas que lhes surgissem no futuro.

De maneira que, sempre que dava conselhos aos filhos, o que os fêz por toda sua longa vida, meses antes de falecer, no entanto, JOSÉ CARLOS os fazia e os dava com mais insistência e convicto morreu com a certeza absoluta de que tanto os conselhos como todos os filhos indistintamente os cumpririam, pois só assim morreria sossegado e tranquilo, afirmou muitas vezes.

Destes conselhos, três deles se destacaram de modo acentuado, porque os eram de suma importância sobre os demais, dado o enorme interêsse que ele demonstrava e o tinha por vê-los cumpridos, sobretudo por seus filhos homens, conselhos estes que ele os considerava também sagrados o cumprimento da palavra de cada filho empenhada.

Para enumerá-los um a um, o primeiro deles consistia em não questionar com ninguém, especialmente em assuntos relacionados com questões de terras, sendo que numa hipótese destas a fim de que fosse evitada data questão e desta não resultasse ainda uma inimizade, comumente até sangrenta e trágica, além dos milhões que os advogados embolsariam sem dó nem piedade do constituinte, abrissem seus filhos mão de uma parte das suas terras ou fizessem um acôrdo amigável, acôrdo este possivelmente satisfazendo de igual para igual ambas as partes, mas acontecendo ainda do litigante contestar, favorecesse-lhe então no acôrdo, concedendo-lhe certa vantagem.

Já o segundo conselho, recomendou ele também uma infinidade de vezes que fossem seus filhos todos unidos em quaisquer circustâncias e eventualidades, especialmente nas horas incertas, nas adversidades da vida, nas horas amargas e cruéis da doença e por fim no espectro da morte, porque como todos sabem, a união faz a fôrça e a fôrça humana com a cobertura da união entre os seus membros, são consequentemente a base para uma família se tornar coesa com um elo de comunicação cordial e fraternal entre os seus interessados, elo este que dificilmente de desfará e se desfacelará entre seus integrantes, sobretudo quando um conselho deste partiu de um pai que deu tudo, fêz de um tudo em benefício e em prol dos filhos.

Enfim, no último conselho de JOSÉ CARLOS aos filhos, recomendou-lhes que não gastassem mais do que ganhassem, que fossem comedidos e controlados nas despesas e não gastassem supérfluamente, pois se assim levassem a vida, financeiramente falando, teriam todos uns futuros promissores e uma velhice tranquila e sem as mínimas preocupações destas naturezas, porque o patrimônio individual que deixou a cada um deles, somente a um estróina ou a um perdulário procedendo exatamente ao contrário evitaria viver na bonança, condições e possibilidade estas que seus filhos as

terão, tomando-lhes estes conselhos e seguindo-lhes os bons exemplos que ele lhes deu em vida.

JOSÉ CARLOS que já está situado privilegiadamente no outro lado da vida terrena, poderá ter a certeza absoluta de que as consciências dos seus sete filhos vivos se unirão em tôrno de um único ideal, ideal ' este que será interpretado pelo cumprimento rigoroso e sagrado de todos' os seus conselhos, nem que destes dependam um sacrifício para eles,

Do contrário, eles não os cumprindo, poderão considerar-se até castigados e a infelicidade bater-lhes à porta, tamanha era o poder e fôrça humana na bondade de JOSÉ CARLOS.

JOSÉ CARLOS que, muito embora tenha criado os filhos com uma educação rigorosamente austera sob o regime dos tempos antigos, além de sempre lhes ter a mão fechada até quando compreendeu que era tempo de abrí-la, sistema este que não lhes prejudicou em coisa alguma e tão pouco a eles,

Ao contrário disto, ensinou-lhes foi a verdadeira realidade da vida, a economizarem e a trabalharem como ele, porque era só desejando e fazendo tudo o que seria de bom no futuro para todos eles que ele adotava aquele sistema rígido de criação, sistema este que as vezes se prolongava ao carrancismo,

Não era absolutamente por criá-los assim que o seu nível moral sempre foi elevadíssiomo para com eles, para com toda a família e para com todos enfim quantos o conheciam e privavam da sua amizade e da sua intimidade, mas tão somente porque ele já nasceu com aquela índole, com aquela mania mesmo de ser durão, entretanto na hora do apêlo, de quem precisasse dele, seja de que maneira fosse e lhe estendesse as mãos, não propriamente para lhe pedir ou reivindicar algo, mas na verdade para se reconciliar consigo, JOSÉ CARLOS mudava e se transformava logo completamente.

Ficava assim como um anjo, santo e bondoso, capaz que era de sacrificar a própria vida para satisfazer ao filho, ao parente, ao amigo, ' porque aí o seu coração se abria e esparramava-se, falando mais alto do que tudo.

JOSÉ CARLOS tinha um verdadeiro pavor da morte, porquanto ele amava profundamente a vida, um medo mesmo macabro de morrer, sendo que se dependesse dele e não de Deus viveria eternamente, muito embora sua ' doença continuasse se agravando mais e sofrendo infinitamente, contanto ' que esta morte jamais viesse buscá-lo.

JOSÉ CARLOS que em tempo algum desfrutou a vida nem quando ainda era relativamente moço e tinha condições materiais para tanto, porque já aquela altura era um homem econômico e financeiramente realizado, mas nada em absoluto lhe interessava a não ser o profundo amor que ele tinha para com sua família e ao trabalho, do qual conseguiu com os bons e positivos resultados deste e com as economias que fazia, gerassem de tudo isto as colheitas dos frutos das sementes que plantou para os seus filhos, representados por tantos bens de raíz com que cada um deles foi contemplado.

JOSÉ CARLOS que amou e' venerou profundamente a sua terra onde ' nasceu, jamais esquecendo-a, pois desde que para a capital transferiu sua residência falava muito nela, principalmente após adoecer, e seu estado ' de saúde se agravar, lamentando não mais poder visitá-la a fim de despedir-se da sua enorme legião de amigos, parentes e conterrâneos que ainda os tinha e lá deixou.

Aliás era nesses momentos em que ele mais recordava a sua querida terra, a sua infância e a sua juventude, embora que sacrificadas, como as foras as de menino e de rapaz pobre, recordações estas que descambavam até para o enlêvo e a saudade em várias fases alternadas da sua vida entremeada de muita luta e trabalho.

Isto porque, ele despediu-se para a eternidade como um homem realizado e por assim dizer completamente vitorioso, uma vez que JOSÉ CARLOS não somente vencera uma batalha, mas sem exagêro algum também uma guerra, já que sua luta foi a de um verdadeiro gigante, de um titã a fim de vencer os intransponíveis e perigosos obstáculos que se lhe antepunham ante o caminho a trilhar pedregoso e calcinado de espinhos.

Assim sendo, JOSÉ CARLOS naqueles momentos melancólicos e ainda sublimes em que lamentava não mais poder despedir-se do seu querido torrão natal, pedia ao mesmo tempo fôrças a Deus para poder encetar aquela penúltima viagem da sua vida, viagem esta que ele considerava para consigo mesmo uma homenagem anti-póstuma que prestaria merecidamente e com muita honra à sua querida terra.

Não chegando, contudo, a realizar e tornar realidade este seu último sonho, cuja desilusão o deixou ainda mais acabrunhado e sem ânimo para continuar vivendo.

Mas como as coisas do destino não são assim como as pessoas pensam, desejam e as querem, como JOSÉ CARLOS pensava, desejava e queria ardentemente fazer esta viagem de despedida à sua terra que seria a sua penúltima na vida, repito.

Entretanto sem fazer esta, infelizmente perdendo ele uma viagem que só lhe traria radiantes alegrias em que desabafaria suas recordações tão ansiosas e de imenso prazer, para imensa desdita e profunda mágoa de todos os seus familiares, parentes e amigos, JOSÉ CARLOS sem mesmo efetuar a sua tão almejada e penúltima viagem, efetuou e para sempre foi a sua última no infeliz dia do seu falecimento,

Mas a conformação que todos temos deste seu infeliz desenlace, além das inúmeras preces e missas rezadas e celebradas para ele e para a sua virtuosa e santa esposa D. Franquinha, é a certeza de que, apesar da incomparável falta que nos fizeram, independente de qualquer exagêro caso não estejam eles ainda no reino divino e santificado do céu, no mínimo ambos estão se encaminhando para lá e São Pedro naturalmente já os esperando com as portas escancaradas daquele Paraíso Celestial e de braços abertos para recebê-los.

Fortaleza, 28 de fevereiro de 1984.

Dispensado de Impressão e Interstício
Em 10/10/1984
PRESIDENTE

CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA

COMISSÃO DE URBANISMO

Parecer Nº 13 /84

Ao Projeto de Lei Nº 089/84

O Vereador Raimundo Linhares submeteu à consideração do Plenário desta Casa o anexo Projeto de Lei que "Denomina de JOSÉ CARLOS PINHO uma artéria do Bairro Água Fria, nesta Capital.

Natural do Município de CRATEÚS, JOSÉ CARLOS PINHO, entregou-se desde menino à luta sertaneja, trabalhando em todos os seto - res da áspera agricultura.

De família humilde, o homenageado enfrentou muitas dificuldades financeiras e econômicas, já que a pobreza foi uma caracterís tica marcante daquela família.

De um pequeno comércio o homenageado, com muitas di ficuldades, conseguiu prosperar , e exerceu a atividade Industrial, Ban - cária, Agropecuária e Política, chegando a ocupar o cargo de Presidente do Banco Mercantil de Crédito S/A.

Nestes termos, esta Comissão emite Parecer favorá- vel à propositura em pauta, recomendando-a ao Plenário da Casa.

É o nosso Parecer.

Sala das Sessões das Comissões Permanentes da Câ - mara Municipal de Fortaleza, em 08 de Outubro de 1984.

Samuel Braga — PRESIDENTE

Otávio Lobo — RELATOR

CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA

COMISSÃO DE REDAÇÃO FINAL

A COMISSÃO DE REDAÇÃO FINAL DÁ A SEGUINTE REDAÇÃO AO PROJETO DE LEI Nº 089/84.

APROVADO EM 15/10/84 Presidente

Denomina de JOSÉ CARLOS PINHO uma artéria do Bairro Água Fria, nesta Capital.

A CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA DECRETA:

Art. 1º - Fica denominada de RUA JOSÈ CARLOS PINHO uma artéria do Bairro Água Fria nesta Capital.

Art. 2º - A presente Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Sala das Sessões das Comissões Permanentes da Câmara Municipal de Fortaleza, em 17 de 10 de 1984.

Presidente

CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA

Of. nº 1500 84

Fortaleza, 19 de outubro de 1984

Na conformidade do artigo 52 da Lei nº 9.457 de 04 de outubro de 1.971, combinado com o seu artigo 63, nº II, tenho a satisfação de encaminhar a V. Exa. o presente autógrafo de lei aprovada por esta Câmara que " denomina de JOSÉ CARLOS PINHO, uma artéria do Bairro Água Fria nesta Capital".

Aproveito a oportunidade para apresentar a V. Exa. os protestos de elevado apreço e consideração.

José Fiuza Gomes
- PRESIDENTE -

Exmo. Sr.
Dep. Federal Cesar Cals Neto
DD. Prefeito Municipal de Fortaleza
NESTA

SQJ